

# Delfim em Oxford, com amigos

por Tom Camargo  
de Londres

O ministro Delfim Netto, que deve partir para o Brasil no final da tarde de hoje, não manteve ontem nenhum contato com autoridades britânicas que pudesse influir sobre a decisão do país de não participar do empréstimo de US\$ 2,5 bilhões que alguns governos deverão fornecer ao Brasil.

Nem a agenda do ministro do Tesouro, nem a do titular do Departamento Britânico de Financiamento e Exportações previam encontros com quaisquer autoridades brasileiras. Em nenhum dos órgãos, em qualquer nível, havia qualquer contato marcado. Não houve também visitas a banqueiros privados.

Delfim e sua comitiva, que trabalharam durante o fim de semana no golfo (onde nosso sábado é a segunda-feira local), estavam oficialmente descansando.

O ministro seguiu para Oxford, a tradicional cidade universitária que fica a cerca de 70 quilômetros de Londres, onde visitou livrarias e acadêmicos com os quais teria iniciado contatos à época em que o embaixador Roberto Campos iniciou sua temporada londrina.

## INTERESSE COMUM

Seriam amizades cimentadas por laços de mútuo interesse intelectual, e não por força da condição de ministro. Delfim teria proibido seus assessores até de mencionar os nomes dos visitados.

A ida a Oxford coincidiu com a publicação, ontem mesmo, de excertos de um trabalho de dois professores de economia da Universidade, no qual o guru do

monetarismo, Milton Friedman, é acusado de forma agressiva de "distorcer evidências" e de manipular dados oficiais "de forma a sustentar conclusões carentes de sustentação empírica". O estudo sustenta que não há nada a comprovar que existam laços inextrincáveis entre a inflação e a oferta de moeda.

Tais ponderações tiveram grande repercussão pois o "paper" será publicado proximoamente pelo Banco da Inglaterra, colocando-o, como Banco Central que é, em completa discordância com a prática monetarista que marca a ação do Tesouro (o Ministério da Fazenda).

Um assessor de Delfim voltou a desequilibrar a importância de se obter o desembolso antecipado de

US\$ 3 bilhões ainda em dezembro, de forma a acertar atrasados que não poderiam varar o calendário gregoriano, pois assim manchariam o balanço de alguns bancos credores.

"No Brasil todo mundo quer saber o dia em que o campeonato vai acabar. Agora, o do Rio, acabou de ter seu término adiado. Mas todo mundo sabe que vai haver o jogo final."

## Penna espera uma redução do "spread"

O ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, afirmou ontem que o Brasil deverá renegociar de forma mais ampla sua dívida externa com os credores internacionais no próximo ano. O ministro defendeu a proposta do pagamento do "spread" e da taxa de juros sobre os débitos externos mais baixos, além do reescalonamento do principal da dívida em um prazo mais dilatado, com mínimo de três anos de carência.

No seu entender, os nossos credores deveriam fixar uma taxa de juros em níveis mais baixos, não incluindo na sua composição a inflação. Dessa forma, assinalou, o Brasil passaria a pagar um juro médio de 6 a 7% ao ano em vez dos 14 ou 15% atuais.